

## **DA PLANTA AO ALÇADO: CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DOS ALÇADOS DE IGREJAS DA COMPANHIA DE JESUS A PARTIR DA CARTOGRAFIA**

Maria João Pereira Coutinho

IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

mjpereiracoutinho@gmail.com

### **Resumo**

A presente investigação centra-se na compreensão das fachadas das igrejas dos colégios, dos noviciados e da casa professa que a Companhia de Jesus possuía em Lisboa, com fundação na 1.ª fase do seu estabelecimento em Portugal, a partir de diversas tipologias iconográficas: mapas, cartas, plantas e alçados. Contributo maior para a compreensão de alçados, a cartografia, quando acurada, permite o entendimento da diversidade de plantas, bem como irregularidades e mesmo situações mais orgânicas que subsequentemente se fizeram refletir na traça das fachadas.

**Palavras-chave:** Plantas; Fachadas; Companhia de Jesus; Barroco

### **Abstract**

This research focuses on understanding the facades of the churches of the colleges, of the novitiates and of professes house that the Society of Jesus had in Lisbon, founded in the 1st phase of its establishment in Portugal, from various iconographic types: maps, charts, plans and elevations. Greater contribution to understanding elevations, cartography, when accurate, allows the understanding of the diversity of plants, as well as irregularities and even organic situations subsequently reflected in the drawing of facades.

**Keywords:** plants; facades; Society of Jesus; Baroque

### **Nota prévia**

A investigação que se apresenta, sobre a compreensão de alçados de igrejas da Companhia de Jesus em Lisboa, fundadas na 1.ª fase do seu estabelecimento em Portugal (1542-1759), a partir de uma leitura iconográfica que articula mapas e cartas do local de implantação, bem como as plantas e os alçados remanescentes, procura responder à grande questão da existência, ou não, de um programa comum de fachadas de igrejas da Companhia<sup>1</sup>.

Para tornar viável esse estudo, circunscrevemos numa primeira fase o nosso âmbito geográfico à cidade de Lisboa, tomando como ponto de partida o caso singular e já bem documentado da desaparecida igreja do colégio de Santo Antão-o-Novo.

Para melhor cumprir o objectivo de compreender o rosto desse edifício, integrámo-lo no contexto urbano, recorrendo à cartografia lisiponense, fonte imprescindível para a compreensão da implantação, degradação e subsequente absorção dessa parte do edifício no tecido urbano da colina de Santana. Aduzimos aspectos históricos necessários para real compreensão da magnificência que conquistou nesse território, e integrámo-lo no âmbito de uma produção mais vasta.

Locais como a igreja de São Roque de Lisboa, as igrejas dos colégios de São Lourenço do Porto, do colégio do Santíssimo Nome de Jesus de Coimbra ou do colégio de Nossa Senhora da Conceição de Santarém,

---

<sup>1</sup> Este estudo integra uma parte do projecto *Pórtico: Estruturas de pedraria em fachadas de igrejas do distrito de Lisboa do domínio Filipino ao Terramoto*, do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, para o qual nos foi concedida uma bolsa de Pós-Doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/85091/2012), com financiamento participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do Ministério da Educação e da Ciência.

Agradecemos ao Professor Doutor João Vieira Caldas e à Arquitecta Inês Gato de Pinho as trocas de impressões sobre o tema. À Professora Doutora Sílvia Ferreira agradecemos a atenta leitura e pertinentes sugestões.

fazem parte de uma análise comparativa, bem como outros exemplos, mais periféricos, cujas semelhanças nos permitiram enquadrar o já indicado caso de estudo.

### Breve síntese sobre a iconografia e cartografia olisiponense

A cartografia olisiponense tem sido considerada como fonte indispensável para o conhecimento mais vasto da implantação de diferentes tipologias religiosas de Lisboa, a saber: ermidas, igrejas, conventos e colégios, entre outras que aqui se poderiam elencar (GARCIA, 2014, p. 125-138). Com efeito, o carácter subsidiário que esta disciplina apresenta tem sido fundamental para a reconstituição de inúmeros edifícios desaparecidos, acerca dos quais só já restam escassas memórias documentais<sup>2</sup>.

Planificações como aquelas incluídas nas obras *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum* (1567) e *Civitates orbis terrarum* (1572) de Georgius Braunius (1541-1622), foram indubitavelmente significativas para esse entendimento da centúria de Quinhentos. Para o século XVII, por sua vez, quer a planta recentemente identificada por Mário Gonçalves Fernandes, divulgada por Walter Rossa<sup>3</sup> e publicada por José Manuel Garcia (2014, p. 35-49), quer a bem conhecida planta de João Nunes Tinoco (1616-1690)<sup>4</sup>, realizada em 1650, foram fundamentais para a localização de edifícios desaparecidos com o tempo, como para a real compreensão dos limites ocupados por muitos deles.

A estes importantes testemunhos podemos ainda somar outros, como as 37 plantas da autoria do sargento-mor José António Monteiro respeitantes a 40 paróquias da cidade, dadas à estampa por Francisco Santana na obra *Lisboa na 2.ª metade do Séc. XVIII (Plantas e Descrições das Suas Freguesias)* (SANTANA, s.d.).

Embora mais recentes, e distanciadas temporalmente da data de construção de muitos dos edifícios por nós eleitos para este estudo, quer a *Carta Topográfica da Cidade de Lisboa* de Duarte Fava (1772-1826), de 1808-1832<sup>5</sup>, quer as plantas do *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa*, cuja direcção se deveu a Filipe Folque (1800-1874), realizadas entre 1856 e 1858<sup>6</sup>, foram essenciais para o estudo da implantação de espaços hoje desaparecidos ou transformados. Encontrando-se este último conjunto à guarda do Arquivo Municipal de Lisboa, é nesse mesmo tombo que encontramos ainda uma outra fonte - a *Planta Topográfica de Lisboa* - da autoria de Júlio António Vieira da Silva Pinto (1860-?), realizada entre 1904-1911<sup>7</sup>.

---

<sup>2</sup> A pertinência e actualidade deste tema podem ser aferidas pelo financiamento de projectos pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, como: *Cidade e Espectáculo: uma visão da Lisboa pré-terramoto* [PTDC/EAT-HAT/098598/2008]; *Lisboa em Azulejo antes do Terramoto* [PTDC/EAT-EAT/099160/2008] e *LX Conventos - Da cidade Sacra à Cidade Laica. A extinção das ordens religiosas e as dinâmicas de transformação urbana na Lisboa do século XIX* [PTDC/CPC-HAT/4703/2012].

<sup>3</sup> Essa planta foi dada a conhecer na conferência que Walter Rossa proferiu em 2012 no IV Congresso de História da Arte Portuguesa: Homenagem a José-Augusto França.

<sup>4</sup> Sobre esse arquitecto consulte-se o mais recente estudo da autoria de COELHO, Teresa Maria da Trindade Campos. *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutoramento em História da Arte, Especialidade História da Arte Moderna em Portugal, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014.

<sup>5</sup> FAVA, Duarte José. *Carta Topográfica da Cidade de Lisboa Compreendida entre Barreiras*. C.1808 - 1832, desenho a lápis, tinta-da-china e tinta azul, 1350 x 2500 mm., (© BNP, Secção de Iconografia, D. 153) - disponível online em <http://purl.pt/24997>.

<sup>6</sup> VIEGAS, Inês Morais, TOJAL, Alexandre Arménio (coord. de). *Catálogos do Arquivo Municipal de Lisboa, Atlas da Carta Topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque: 1856-1858*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, s.d..

<sup>7</sup> Para este estudo observe-se concretamente PINTO, Júlio António Vieira da Silva. *Planta topográfica de Lisboa*: 11 G, 1910-06. desenho a tinta-da-china com cor, 930 x 640 mm (© AML, PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/05/03/055 - disponível online em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=242764&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>).

Acerca deste conjunto de cartas *vide* VIEGAS, Inês Morais, TOJAL, Alexandre Arménio (coord. de). *Levantamento da Planta de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005 e MARAT-MENDES, Teresa, D'ALMEIDA, Patrícia Bento, MOURÃO, Joana. A legenda do levantamento da Planta de Lisboa do Engenheiro Silva Pinto. In: SANTOS, Aurora, ALBERTO, Edite, COUTINHO, Maria João Pereira (coord. de). *Arquivo Municipal de Lisboa. Um Acervo para a História*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa, 2015, 275-287.

Aumentando o conhecimento que hoje temos sobre esses equipamentos ao serviço da religião, importa ainda referir no âmbito iconográfico a importância das raras plantas que remanesceram de construções dessa natureza, erigidas nos séculos XVII e na primeira metade do XVIII, e que serviram para ajustar o conhecimento da *urbe*. Por conseguinte, os alçados e cortes, estes últimos ainda mais escassos, e que muitas vezes não passaram de propostas que nunca se concretizaram, conseguiram de modo inversamente proporcional ao seu número, ampliar o conhecimento que hoje temos do *facies* desses locais. Observe-se a título de exemplo os casos das plantas, corte e alçado, anteriores a 1755, que perduraram do convento da Divina Providência de Lisboa<sup>8</sup>, ou mesmo os vários desenhos para a desaparecida igreja dos Mártires, para a igreja de Santa Justa, os vários projectos para a igreja de Santa Engrácia, todas na mesma cidade, estes últimos exemplos à guarda da Academia Nacional de Belas-Artes<sup>9</sup> (COUTINHO, 2010).

Já no contexto da Companhia de Jesus e da produção gráfica da capital são inestimáveis os desenhos que o engenheiro Mateus do Couto, sobrinho (act. 1647-1696), delineou para o colégio de Portalegre<sup>10</sup> (CARVALHO, 1977, p. 85-86; COUTINHO, 2015, p. 41), alguns desenhos anónimos ou de padres da Companhia, de origem incerta (VALLERY-RADOT, 1960, p. 115-116) ou ainda um desenho e um corte para uma igreja desconhecida, enquadrável nas opções estéticas da Companhia de Jesus, possivelmente de produção lisboeta, que trataremos mais adiante.

### O colégio de Santo Antão-o-Novo: algumas considerações sobre a sua igreja

O complexo iniciano de Santo Antão-o-Novo, cuja história se encontra exemplarmente documentada (MARTINS, 1994; VALE, 1999; BRANCO, 2012, p. 16-37; MARTINS, 2014; *et alii*), possuiu um notável templo, iniciado em 1612, a expensas de D. Filipa de Sá, condessa de Linhares (c. 1543-1618) (RIBEIRO, 1911; VALE, 1999; MARQUES, 2012, p. 70-76), onde preponderou a obra de pedraria policroma. Esse espaço cultural, como se pode notar nas plantas subsistentes [Fig. 3] e [Fig. 4], organizado em cruz latina, e altares nos topos dos braços do transepto, apresentava três capelas intercomunicantes do lado do Evangelho e outras três do lado da Epístola, de acordo com a planimetria que Vignola (1507-1573) concebeu para // *Gesù* em 1568 (SALE, 2003, p. 49-64).

---

<sup>8</sup> MENEZES, Guilherme Joaquim Paes de. *Planta do Convento da Divina Providência em Lisboa*, 1748, desenho a tinta-da-china e aguadas a cor, 804 x 507 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 12 R.) - disponível online em <http://purl.pt/20695>; ROÍZ, Pascoal. *Fachada da igreja do convento da Divina Providência em Lisboa*, c. 1695, desenho a tinta-da-china e bistre, 367 x 512 mm., (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 121 A.) - disponível online em <http://purl.pt/25936> e ROÍZ, Pascoal. *Corte da igreja do Convento da Divina Providência em Lisboa*, c. 1710, desenho a bistre e toques de vermelho nos marmoreados *Iconografia*, 323 x 406 mm., (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 122 A.) - disponível online em <http://purl.pt/25937>.

<sup>9</sup> Anónimo. *Planta da desaparecida igreja dos Mártires*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis (© ANBA, Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 20, Des. N.º 574); Anónimo. *Planta da primitiva igreja de Santa Justa*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis (© ANBA, Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 18, Des. N.º 558); TINOCO. *Planta para a igreja de Santa Engrácia*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis (© ANBA, Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 17, Des. N.º 539) e TINOCO. *Planta para a igreja de Santa Engrácia*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis (© ANBA, Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 17, Des. N.º 540).

<sup>10</sup> COUTO, Mateus do, sobrinho. *Planta e Corte para a igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Portalegre*, 1678, desenhos a tinta-da-china e aguadas, tinta sépia e aguadas, 300 x 450 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 119 A.) - disponível online em <http://purl.pt/25376> e atribuído a COUTO, Mateus do, sobrinho. *Desenho para um alçado do pátio do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 340 x 475 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 120 A.) - disponível online em <http://purl.pt/20906>; atrib. ao mesmo. *Desenho para o alçado da fachada sul do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 268 x 430 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 168 V.) - disponível online em <http://purl.pt/21831>; atrib. ao mesmo. *Desenho para o alçado da fachada poente do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 340 x 475 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 169 V.) - disponível online em <http://purl.pt/22441> e atrib. ao mesmo. *Desenho para um alçado do pátio do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 268 x 428 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 170 V.) - disponível online em <http://purl.pt/22444>.

A capela-mor da igreja, que era antecedida pelo referido cruzeiro, sobrepujado por um zimbório, era recheada de pedestais de pedraria policroma, pilares, entresilhares, mísulas, molduras, ressaltos e cimalkhas da mesma arte, em consonância com a monumentalidade do edifício, mas sobretudo, de acordo com a dimensão espiritual que a Companhia de Jesus tinha em finais de Quinhentos e inícios de Seiscentos.

Esse zimbório, que acentuava a monumentalidade do local, e o aproximava do modelo arquitectónico romano, foi alvo de uma vistoria no ano de 1690, que mobilizou uma junta de afamados arquitectos do reino, constituída pelo padre João Duarte (act. no séc. XVII/XVIII), o padre Francisco Tinoco da Silva (1656-1730), Mateus do Couto, sobrinho (act. 1647-1696), e João Antunes (1643-1712) (MARTINS, 1994, p. 416).

Na mesma década, a igreja viu ainda a construção do seu retábulo-mor, riscado pelo "Irmão Cristovo" (MARTINS, 1994, p. 419), e cuja obra foi orientada pelo já enunciado arquitecto João Antunes, que contribuiu para o seu revestimento marmóreo através da encomenda de pedras vindas de Montes Claros e até com sobras de pedraria da igreja de Nossa Senhora do Mártires da mesma cidade, onde trabalhara em 1686 (BIRG, 1988, p. 76). A estrutura, que nas palavras do cronista anónimo da *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa* era constituída por:

(...) dous pedestaes com grande perfeçam de embotidos, assentados sobre pedras brancas de Genova. (...) hombreyras e verga sam de marmore vermelho bem lustrado, sendo assim as hombreyras como a verga ornadas de humas rosas muy galantes, embotidas nas mesmas pedras da porta, (...). E por cima das molduras que tomam a largura da tribuna tem lugar tres fermosas tarjas lavradas de finissimas pedras, e muy luzidas com o lustre de que estam ornadas. Por cima da simalha de que se ornam os pedestaes se vem duas grandes misolas de marmore branco de Genova, ornadas de muytos embotidos. (LIMA, 1950, p. 442-443).

era exuberante pela quantidade de elementos escultóricos que a engrandeciam, como se pode constatar a partir da leitura do anterior excerto. Do monumental conjunto, sobrevive a dita tribuna, hoje convertida numa sala do hospital, cujo acesso era efectuado através de uma porta, disposta ao centro do conjunto, decorada em consonância com o que ainda hoje se observa nas paredes desse espaço: "Bem ao meyo do altar corresponde huma porta, cujas hombreyras e verga sam de marmore vermelho, ornadas assim as hombreyras como a verga de rosas embotidas " (LIMA, 1950, p. 441).

Já o transepto era descrito, segundo o mesmo testemunho anónimo do início do séc. XVIII, como tendo:

(...) duas grandes capellas, e unindo-se estes firmissimos arcos com huns seguintes de marmores brancos formam o grande circulo em que se sustenta o peso todo da maquina do zimbório, que na verdade he extraordinario (...) que pella parte de fora sam cobertas todas de pedra de cantaria e pella de dentro vestida de marmores de diversas cores com tanta obra nas bases, pedestaes, pilares, entrepilares, misolas, molduras, ressaltos, simalkhas (...) que antes de chegar ao corpo e andar das grandes oito janellas ficam a plumo dellas dous andares de payneys de marmores lavrados com grande primor, de marmores de diversas cores (...) (LIMA, 1950, p. 435-436).

Acerca da nave, elemento pelo qual se acediam às várias capelas intercomunicantes, o mesmo autor referiu que a sua decoração, em redor das oito grandes janelas que ostentava, centrava-se na presença: "d[e] embotidos, os quaes se rematam com capiteys de marmore branco de Genova, obra de relevo muy perfeyta." (LIMA, 1950, p. 435-436). Assim, sabemos hoje que não só a capela-mor, como as capelas de Nossa Senhora do Socorro e de Santa Luzia viviam desse recurso decorativo, que animava os seus alçados, e que fazia jus a todo um complexo programa estrutural.

A capela de Nossa Senhora do Socorro foi naturalmente uma das várias de que temos notícia de ser admiravelmente decorada com pedraria policroma. Erigida a expensas de Manuel Rodrigues da Costa, sabe-se que era de "de muy bem lavrada pedraria, entre a qual he muy principal a de humas valentes molduras de marmore que servem de ornato aos payneys que ficam nos lados da capella" e sobre o altar

via-se "huma banquetta composta de varias pedras obradas com grande perfeçam" (LIMA, 1950, p. 422). Apesar das claras alusões a molduras, que remetem para um enquadramento murário, e a uma banquetta, não se consegue reconstituir a verdadeira configuração da capela, nem saber se o relato ficaria, ou não, aquém da realidade.

A capela da irmandade de Santa Luzia, por sua vez, figura neste quadro através do conhecimento que temos sobre as várias empreitadas de obras que lhe deram forma. Conhecendo-se um contrato para este espaço, lavrado um pouco tardiamente, a 25 de Outubro de 1721, com o mestre pedreiro João Francisco para a realização de "coatro pilares de Pedra de imbutidos", segundo descoberta de Ayres de Carvalho<sup>11</sup> (1973, p. 61), sabemos hoje que essa empreitada foi o *terminus* de uma obra que teve início alguns anos antes. A 24 de Agosto de 1703 foi ajustado um acordo entre a mesa da referida irmandade e o mestre pedreiro Tomás Francisco para este fazer obra "(...) na capella da dita Santa dos degraos ate a simalha aonde asentão as mizulas (...)", segundo descoberta nossa (COUTINHO, 2010, p. 419). A obra constituída por "pedestraes ate a altura da banquetta (...) simalha embaza (...) branca reuestida da milhor que ouuer (...)", altar "de pedraria branca, e vermelha, e aberto por detras para despejos", ilhargas, "dois couais hum de cada parte" e "seruentia para a trebuna", apresentava ainda degraos com "suas vazas pelo fozinho" e "sepos (...) tambem reuistidos como tambem as pedras que vão encostadas e o portal (...) "<sup>12</sup>. Essa empreitada culminou com a referida encomenda de quatro acrotérios, em Outubro de 1721, que o mestre pedreiro João Francisco, juntamente com os seus oficiais, deverá ter concluído, segundo determinações contratuais, pela quantia de 120.000 réis, pagos em quatro vezes "o primeiro a fazer desta escritura e o segundo depois de acabado o segundo pilar; e o terceiro depois de acabado o terceiro pilar; e quarto e vltimo depois de estarem acabados e asentados os ditos coatro pilares (...) "<sup>13</sup>.

Quanto ao seu frontispício, importa recordar a conhecida empreitada de 1672, que levou à reunião de um conjunto de entendidos para discutir a pertinência da realização de uma "Cornija com sua cachorrada e resalteada em os pillares" (MARTINS, 1994, p. 405). A discussão, que envolveu o Mestre Pedreiro da Cidade João Luís, o architecto João Nunes Tinoco, Mateus do Couto, sobrinho, e Bartolomeu de Sousa, que mencionou agir neste caso conjuntamente com o cosmógrafo Luís Serrão Pimentel (1613-1679), foi, no entender de alguns autores, o resultado de um desacordo sobre uma estética considerada "crespa, e relevante" (MARTINS, 1994; GOMES, 1998).

Apesar da igreja do colégio ter ficando arruinada aquando do terramoto de 1 de Novembro de 1755, a sua estrutura subsistiu, sendo objecto de um projecto de renovação da autoria de Manuel Caetano de Sousa [Fig. 5], segundo notícia de Ricardo Lucas Branco (2012, p. 20). Com a expulsão da Companhia de Jesus da Província Portuguesa, bem como com a passagem desta imensa mole a centro hospitalar em 1770, o templo foi-se degradando, passando no ano de 1811 o apostolado escultórico, que se encontrava na nave central da igreja, para a fachada principal do hospital (LEONE, 1993, p. 125). Tal como Gonzaga Pereira (1796-1868) fixou num desenho de 1837, do álbum do Museu da Cidade (GARCIA, 2014, p. 132), ou como Francesco Rocchini (1820-1895) registou numa fotografia de 1881 (LEONE, 1993, p. 125), esta fachada encontrava-se em franca degradação, acabando assim por perecer após essa época. Aliás, se observarmos atentamente quer a *Planta topográfica de Lisboa* de Duarte José Fava [Fig. 2], onde a igreja parece já nem ter relevo para constar da mancha do edifício, quer a *Carta n.º 36 do Atlas da Carta Topográfica de Lisboa* de 1858 [Fig. 1], onde parte da igreja se encontra a descoberto, revelando mesmo na zona do transepto a presença de alguma arborização, constatamos a pouca importância que nessa época se concedia a esse local.

Por fim, no que a fontes gráficas respeita, importa salientar que possivelmente o desenho de Albrecht Haupt (1852-1932), de 1888, terá sido a derradeira memória que ficou da fachada do templo [Fig. 6]. No processo da transição de um espaço religioso para um espaço de utilidade pública, ter-se-á assim perdido uma parte significativa do património da igreja, particularmente o pátio, pois como referiu Pinho Leal:

<sup>11</sup> ANTT, *Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 15 (antigo n.º 7 A), Cx. 91, L.º 506, fls. 53-54 v.º.

<sup>12</sup> ANTT, *Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 15 (antigo n.º 7 A), Cx. 82, L.º 444, fls. 78-79 v.º.

<sup>13</sup> ANTT, *Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 15 (antigo n.º 7 A), Cx. 91, L.º 506, fls. 53-54 v.º.

Era a mais vasta e rica igreja de Lisboa mas nem todas estas circunstancias puderam subtrahir este admirável monumento ao furor dos vândalos do século XX; - derrubaram-lhe a formosíssima torre que resistiu ao terramoto, e toda a parte superior da fachada da igreja. Despojaram-o interiormente de magnificas columnas e de seus bellos mosaicos e admiráveis esculpturas, sobretudo na capella-mór." (LEAL, 1890, p. 246-247).

### Questões inerentes ao programa da fachada da igreja do colégio de Santo Antão

Pela quantidade de estudos realizados por diversos autores, o colégio de Santo Antão-o-Novo é o edifício da Companhia de Jesus de Lisboa que mais manancial nos ofereceu para o tomarmos como ponto de partida para uma investigação mais vasta sobre a caracterização da fisionomia das igrejas desse instituto religioso. Como tal, e após termos apresentado alguma da iconografia de que dispomos sobre o edifício, sabemos que este apresentou *grosso modo* uma fachada dividida em cinco panos, devedora dos avanços e recuos de tracistas como Giuseppe Valeriano (1542-1596) (PIRRI, 1970), o Pe. Silvestre Jorge (1550-1608) e Filipe Terzi (1520-1597), mas finalmente resolvida numa primeira fase pelo arquitecto Baltazar Álvares (1560-1630), e numa segunda por Diogo Marques Lucas (?-1627) como defendeu Paulo Varela Gomes (1998, p. 107-125) e concordou Ricardo Lucas Branco (2012, p. 27-28).

Embora no que a uma definição de um programa com afinidades internacionais concerne se reconheça uma filiação a uma solução de tradição jesuíta, diferenciadora das demais ordens, como já foi assinalado pela historiografia, também importa reconhecer as especificidades dos edifícios, onde a presença de torres, ou não, a presença de um só nicho, ou da abertura de vários vãos para albergarem o maior número possível de modelos da Santidade da Companhia (Santo Inácio de Loiola, São Francisco Xavier, São Francisco de Borja e São Estanislau Kostka), os aproximou ou distanciou de valores como a pobreza ou o aparato de que mais tarde foram acusados.

No caso do alçado da igreja de Santo Antão-o-Novo, e embora subsistam dúvidas sobre a componente escultórica da sua fachada - no desenho de Gonzaga Pereira de 1836 a fachada apresentava dois nichos no primeiro registo murário e outros dois na parte superior, enquanto que no desenho de Haupt de 1888 encontramos no primeiro nível quatro nichos e o que se supõe serem outros dois no remate, em consonância com o anterior esquema -, esse valor estético parece estar de acordo com o que também ocorreu nas fachadas das igrejas dos colégios de São Lourenço do Porto (MARTINS, 2014, p. 278), da igreja do colégio de Coimbra, atribuída a Baltasar Álvares, que só seria erigida a partir de 1598 (MARTINS, 1994; LOBO, 1999; CRAVEIRO, TRIGUEIROS, 2011), e da igreja de Santarém (CUSTÓDIO, 1996). Para além dessas características, destaca-se a forte animação criada através da complexa partição de panos, enfatizada por faixas ou mesmo duplas pilastras.

Estes aspectos de relevo para a compreensão do principal alçado do conjunto encontram-se assim ligados à vontade dos encomendadores, mas também a quem executava os registos gráficos, ou acompanhava as obras, interpretando as traças dos seus pares. Assim, oferece-nos acrescentar que acima de tudo qualquer dos indivíduos ligado à empresa de erguer a igreja de Santo Antão-o-Novo, assim como qualquer uma das anteriormente enunciadas, possuía uma sólida formação teórica, que os tornava aptos a fazer medições e a traçar nas mais diversas dimensões arquitectónicas: religiosa, civil e militar. Para além desse aspecto, a passagem por outros estaleiros da capital, que acabaram por assumir um papel formativo nos *curricula* de cada um, conduziu a capacidade que muitos tinham de solucionar novos desafios arquitectónicos que se impunham, bem como simplesmente fixar existências. Observe-se a título de curiosidade os casos de alguns dos tracistas que estiveram ligados à empreitada do colégio de Santo Antão-o-Novo, sobretudo para o período em apreço, tais como João Nunes Tinoco e Mateus do Couto, sobrinho, exímios arquitectos, que não só debuxaram obras de pormenor como retabulística, como riscaram plantas de edifícios e mapas de escalas consideráveis, como aquela que Tinoco realizou entre 1631 e 1633 da baía de Todos-os-Santos (Brasil), ou a já mencionada carta topográfica de Lisboa que delineou em 1650. A mesma relação com a cartografia e com a implantação de colégios jesuítas pode ser aferida no trabalho de Mateus do Couto, sobrinho, que não só assinou um conjunto de *Cartas Marítimas* para o então reino do Algarve (CONDE, HENRIQUES, GUIOMAR, 2011), como foi o autor de um conjunto de planos para a igreja do colégio dos jesuítas de Portalegre, em 1678.

Complementarmente ao entendimento desta fachada no contexto da cidade de Lisboa, importa ainda compreender a dimensão de outros alçados de igrejas de equipamentos da Companhia de Jesus nessa cidade, como ocorreu com o de Santo Antão-o-Velho, o de São Roque, ou dos vários noviciados, que apesar de nunca alcançarem a monumentalidade da fachada de Santo Antão-o-Novo, também cumpriram requisitos associados a propaganda da fé, como a inclusão de imagens na frontaria.

Embora a igreja de Santo Antão-o-Velho, tenha sido desafecta da Companhia muito cedo, e subsistam inúmeras dúvidas sobre quem teria executado as obras que c. de 1700 se observavam no seu frontispício, certo é que numa descrição dessa data essa mesma fachada apresentava um portal

(...) que he de pedra lavrada com alguma obra, da que os antigos costumavam uzar nos portaes das igrejas como testemunham ainda alguns que se vem em varios templos da cidade. Alem do portal nam ha no frontispicio outro ornato que sobre elle hum nicho, cuja altura nam excede a de sinco palmos, e dentro do nicho se vê a imagem do gloriosissimo Doutor e Patriarca Sancto Agostinho, ficando superior ao ditto nicho huma janella de vidraças pella qual se communica claridade ao coro (...) (LIMA, 1972, p. 37).

Aquela que tinha sido a primeira casa da Companhia no mundo, agora ocupada por Agostinhos, ostentava então um nicho, hoje ocultado na fachada pós-terramoto, onde o padroeiro dessa comunidade se encontrava integrado, respondendo assim aos ditames fixados por Carlos Borromeu (1538-1584) no capítulo "Paredes exteriores e fachada", das *Instructiones fabricae et supellectilis ecclesiasticae* (1577). Se esse cumprimento de pontuar a fachada de uma igreja com o orago do templo ainda foi concretizado no tempo da ocupação do espaço pelos jesuítas, é um aspecto que ainda não conseguimos apurar.

São Roque, por sua vez, que parece ter sido poupada aquando do megassismo de 1755, embora muito transformada durante os séculos XIX e XX, como se observa na estereotomia do seu revestimento, foi despojada do que maior sentido fazia no seu frontispício - o nicho que acolhia um Menino Jesus Salvador do Mundo, mais uma vez de acordo com o cumprimento de ditames veiculados após o Concílio Tridentino. De facto, através da descrição efectuada ao templo, em inícios do séc. XVII, pelo cronista da *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*, confirma-se quer o impacto que esta fachada produzia na cidade pela sua localização, quer o facto de se afirmar pela presença da referida imagem:

Tem lugar a igreja de Sam Roque em sitio tam aventajado que pode ser que seja o melhor que tenha igreja alguma em Lisboa, porque onde se termina o adro da ditta igreja se segue immediatamente a rua, que por antenomazia se chama a rua Larga, merecendo bem o nome que tem por nam haver na cidade (...)

Passando já ao frontispicio da igreja, nam ha nelle obra singular, sendo que a merecia pelo excelente sitio que ocupa, e assim pella parte de cima se termina com hum triangulo de pedra, que toma toda a sua largura, e ao remate do ditto triangulo se segue por bayxo hum nicho, ao qual acompanham de cada parte duas columnas de pedra, ficando dentro do nicho a imagem do Salvador do mundo, com hum globo na mam e sobre elle huma cruz.

Logo pella parte inferior do nicho se vem tres grandes janellas guarnecidas de marmore branco, todas de vidraças, as quaes ficam sobre o coro, servindo nam só de dar luz (...) (LIMA, 1950, p. 227-228).

Já o noviciado da Cotovia, com um rosto distinto de todos os outros, parecia anular aquilo que se tinha convencionado para uma frontaria da Companhia de Jesus:

"Fica a frontaria da igreja e Casa do Noviciado olhando pera a parte do Sul e diante da porta da igreja tem hum taboleyro levantado da estrada em altura de huma lança e o ditto taboleyro nam só corresponde à largura da igreja mas tambem de huma parte à portaria principal, sobindose alguns degraos antes de chegar ao ditto taboleyro assim de huma parte como da outra. O frontispicio he lavrado com pouca obra porque só tem sobre a porta hum espelho pello qual recebe luz o coro e tambem a igreja cuja frontaria acompanham de cada parte algumas janelas que pertencem a alguns cubiculos e aos dous corredores entre os quaes se inclue a fabrica de toda a casa." (LIMA, 1972, p. 53).

Aí, a ausência de indicadores do orago do templo, bem como de outra carga escultórica, a que o fiel já se teria acostumado, leva-nos a considerar a existência de variações, ao que parecia ser uma regra dos inicianos.

### Dois desenhos para uma igreja da Companhia

Dada a escassez de desenhos portugueses do séc. XVII para edifícios religiosos, como afirmámos no início deste ensaio, sobretudo para fachadas, importa por fim considerar no quadro exposto um conjunto de traçados à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal, datável de finais desse século ou do início da centúria seguinte, de autoria desconhecida, constituído por um alçado e um corte, para uma igreja, e que possivelmente não passaram de projectos [Fig. 7 e Fig. 10].

Embora não se saiba com exactidão para que imóvel se destinavam, a verdade é que esses desenhos ignorados pela historiografia da arte, estão muito possivelmente ligados a objectos arquitectónicos da Companhia de Jesus, bem como à traça de algum autor olisiponense<sup>14</sup>.

Apresentando exactamente as mesmas medidas - 400 x 350 mm - os dois desenhos revelam tratar-se de um projecto para um templo com abóbada de berço. No desenho do exterior, a fachada apresenta-se dividida em três panos murários, um central e outros dois correspondentes à marcação de duas torres, verificando-se uma hierarquização nos portais, um central, maior, rematado por um nicho, e dois menores, que o ladeiam, rematados por frontão semicircular pontuado por pináculo, onde se pode observar a inscrição IHS.

Embora a utilização dessa abreviatura não tenha sido exclusiva da Companhia de Jesus, é, no entanto, e por figurar inscrita num sol radiante, marca identitária dos inicianos, confirmando-nos a circunstância desses desenhos poderem ser projectos para templos dessa instituição. Símbolo do facto de a Companhia seguir a Igreja triunfante no seu percurso até ao Céu, a utilização desse emblema pressupõe ainda uma clara ligação ao fundador (*Ignacio de Loyola*) (PFEIFFER, 2003, p. 171).

A presença do nicho, por sua vez, com a clara funcionalidade de albergar o orago do templo, respondia assim aos já mencionados ditames fixados por Carlos Borromeu. Contudo, é na proporção e ângulo do frontão triangular que vamos encontrar alguma similitude com outros existentes no contexto da Companhia, fazendo lembrar o da igreja de São Roque, da casa professa que os jesuítas possuíam em Lisboa (LOBO, 2014), bem como o da igreja de Braga (MARTINS, 1994) ou o da igreja de Elvas (LOBO, 2008).

O facto de desconhecermos como eram algumas das fachadas de espaços inicianos em Lisboa, como ocorreu com o noviciado de Campolide (1597/1603), o colégio de São Patrício (espaço adaptado e não construído de raiz) (1605), o noviciado de Monte Olivete (1619) e o colégio de São Francisco Xavier (1677), leva-nos antes de mais a considerar a hipótese de este projecto poder ser para alguma das igrejas desses equipamentos. Contudo, também não pomos de lado a hipótese dos desenhos poderem ter sido concebidos para outro local, fora da capital.

A divisão em três panos murários do supramencionado frontispício, correspondendo dois deles a torres sineiras, encaminha-nos também, com as devidas reservas, para a muito transformada fachada da igreja do colégio de Portalegre, assim como novamente para a frontaria da igreja do Salvador do colégio de Elvas [Fig. 8 e Fig. 9]. A traça, ainda passível de ser comparada com outras portuguesas, como a que se observa no antigo colégio de Portimão, da autoria do padre Bartolomeu Duarte<sup>15</sup>, possível autor do templo de Elvas (LOBO, 2008), reforça este programa no seio das topologias de fachadas inicianas.

---

<sup>14</sup> Os dois desenhos apresentam fólhos colados nos seus versos, com idêntica caligrafia, de grande erudição, e com remissões a uma biblioteca olisiponense, mas nada revelam acerca da sua autoria. O primeiro, o da fachada, compara as propriedades curativas e regeneradoras do Amarantho com as da referida biblioteca, remetendo esse conhecimento para a *História Natural* de Plínio-o-Velho. O segundo, exalta, num poema dedicado ao corvo e à sua relação com São Vicente, a transmutação da cor da ave, remetendo para as capacidades de Apolo, enquanto agente purificador.

<sup>15</sup> Acerca da biografia deste jesuíta consulte-se de FRANCO (S.J.), António. *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espirito Santo de Evora do Reyno de Portugal*. Lisboa: Officina Real Deslandiana, 1714, p. 824-832.

Quanto ao outro desenho [Fig. 10], uma projecção decorativa para o interior de um templo, que seguramente integra um programa de separação de uma nave da capela-mor, enquadra-se igualmente na linguagem estética da Companhia, como se pode constatar através da comparação com as soluções adoptadas em algumas igrejas inicianas. A marcação do arco da capela-mor, encimado por um nicho, ladeado por outros dois arcos, com escala para receberem altares, encimados por vãos onde se localizariam tribunas, faz-nos recordar soluções como as das igrejas do colégio de Santiago de Elvas, do colégio de São Sebastião de Portalegre ou do colégio de Vila Nova de Portimão (FIGUEIREDO, 2010), bem como os programas das igrejas insulares do colégio da Horta (no Faial) (CARITA, 1998) [Fig. 11] e do de Angra (SOUSA, 2000).

### Nota final

Este ensaio, que tomou como referencial o já estudado colégio de Santo Antão-o-Novo de Lisboa, como uma das obras mais expressivas da Companhia de Jesus nessa cidade, no que à sua implantação urbana concerne, mas também no que ao impacto que a fachada da sua igreja teve, foi apresentado como o ponto de partida para um trabalho mais vasto, sobre a existência de um (ou mais) programa(s) de frontispícios de igrejas inicianas fundadas na 1.ª fase do seu estabelecimento em Portugal.

Revelando claras afinidades com as soluções compositivas das igrejas dos colégios de São Lourenço do Porto, do colégio do Santíssimo Nome de Jesus de Coimbra, do colégio de Nossa Senhora da Conceição de Santarém, e afastando-se do que foram as fachadas de outras igrejas de equipamentos inicianos de Lisboa, como São Roque, o noviciado da Cotovia ou o noviciado de Nossa Senhora da Nazaré, não só por terem fases de edificação distintas, mas porque se localizavam em pontos muito diferentes da cidade, e ainda porque desempenhavam papéis diversos relacionados com a função do equipamento a que estavam associados, a fachada de Santo Antão levantou-nos diversas questões. A primeira delas prendeu-se com a multiplicidade de formações que possuíam os vários tracistas e mestre-de-obras que a conceberam e que intentaram satisfazer os desígnios da Igreja, mas também os propósitos da Fé. A segunda questão relacionou-se com o papel da imagética, naturalmente articulado com esquemas compositivos veiculados no seio da Companhia e adaptados quer às novas edificações, como aconteceu com edifícios construídos de raiz, como Santo Antão-o-Velho, quer àquelas que por diversas vezes foram reabilitadas com o sentido de albergarem uma nova comunidade, como ocorreu com o colégio de São Patrício de Lisboa.

O surgimento de dois desenhos para um templo desconhecido da Companhia de Jesus, um para uma fachada e outro para um interior, relewa, no que ao primeiro exemplo diz respeito, a existência de pelo menos uma outra tipologia de frontispício, que, tal como foi comprovado, se distancia compositivamente daquela concretizada em Santo Antão-o-Novo. Por outro lado, verifica-se igual recurso à imagem na fachada, o que denota a consciência que os inicianos tinham da função catequética desse alçado.

Não se encontrando nenhuma das anteriores questões sobre Santo Antão-o-Novo resolvida, nem tão-pouco o caso desta última vertente tipológica esclarecido, oferece-nos dizer que na esfera dos edifícios da Companhia de Jesus, a igreja do colégio de Santo Antão de Lisboa ocupa um lugar significativo, possivelmente como modelo de programas mais simplificados, como o do supramencionado desenho, onde o número de panos é menos, assim como a expressão da imagética na fachada.

A documentação remanescente do templo lisboeta prova ainda que a absorção de um objecto arquitectónico pelo metabolismo urbano deixa cicatrizes passíveis de serem lidas, sobretudo se articuladas com memórias resgadas em fontes cartográficas, iconográficas e manuscritas.

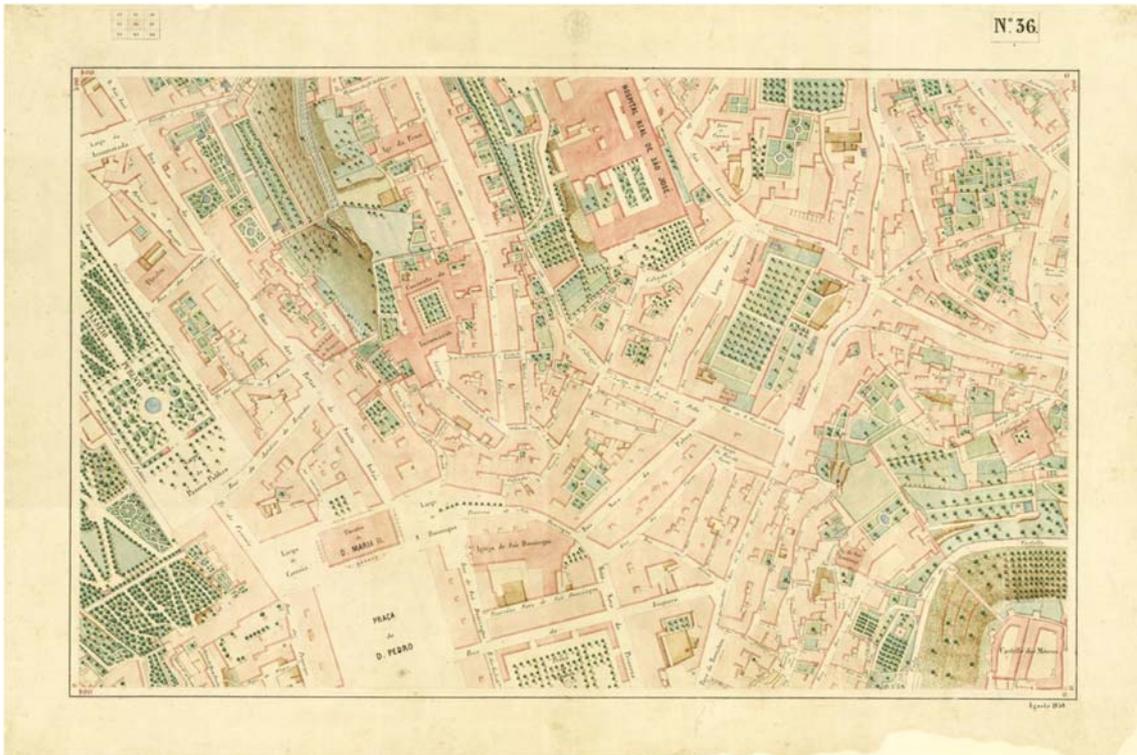


Fig. 1 - FOLQUE, Filipe. *Carta n.º 36* do *Atlas da Carta Topográfica de Lisboa*, 1858, desenho com aguada de cor, 920 x 625 mm., (© AML, PT/AMLSB/CMLSB/UROB-PU/05/01/38) - disponível online em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=79398&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>)



Fig. 2 - FAVA, Duarte José. Pormenor da *Planta topográfica de Lisboa*, entre c. 1808 - c. 1832, desenho a lápis, tinta-da-china e tinta azul, 1350 x 2500 mm., (© BNP, Secção de Iconografia, D. 153) - disponível online em <http://purl.pt/24997>

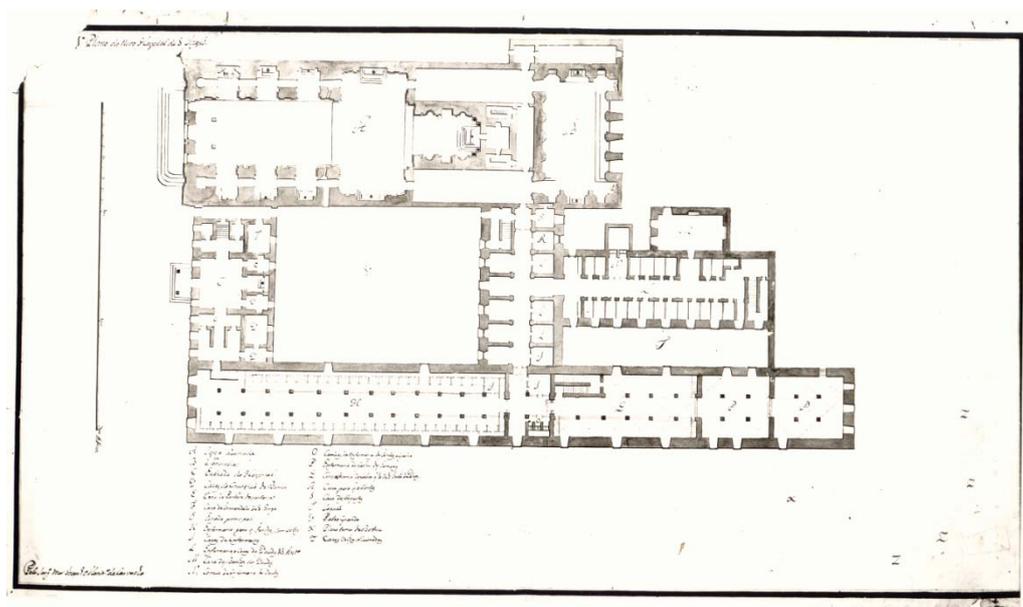


Fig. 3 - CARVALHO, José Monteiro de. *Planta do colégio de Santo Antão-o-Novo de Lisboa*, c. 1769, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis, (© ANBA, Cx. 88 A, Gav. 2, Pasta 15, Des. N.º 532)

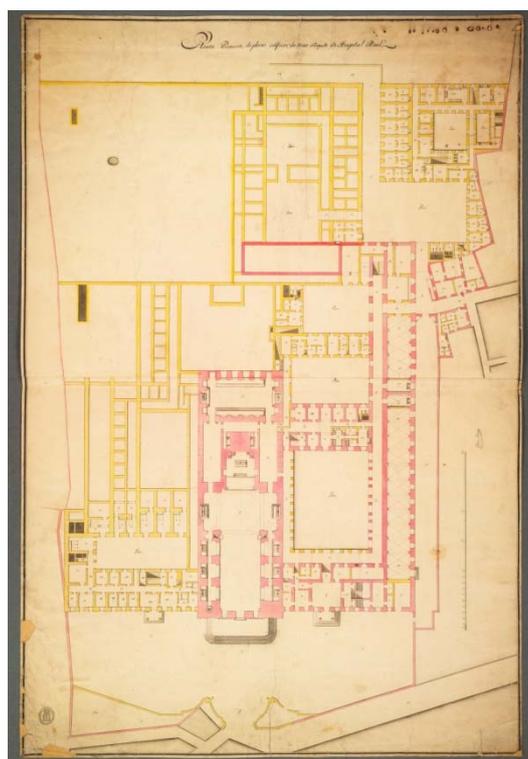


Fig. 4 - SOUSA, Caetano Tomás. *Projecto do Hospital de São José*, entre 1755 e 1800, desenho com aguada de cor, 1200 x 700 mm. (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 29 R.) - disponível online em <http://purl.pt/17003>

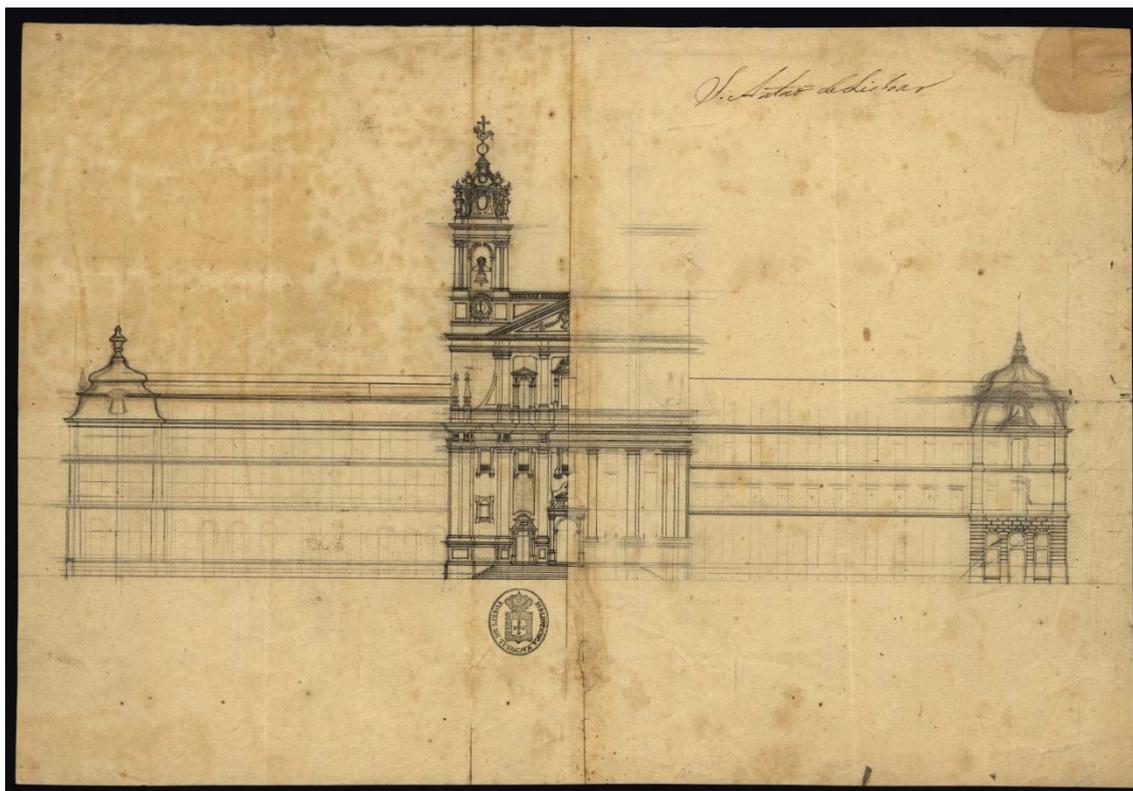


Fig. 5 - SOUSA, Manuel Caetano de. *Desenho para a fachada da igreja do colégio de Santo Antão*, entre 1750 e 1800?, desenho a lápis e tinta-da-china, 482 x 328 mm., (© BNP, *Secção de Iconografia*, D. 129 A.) - disponível online em <http://purl.pt/21490>



Fig. 6 - HAUPT, Albrecht. *Auswahl von Illustrationen zur Geschichte der Renaissance in Portugal*. Hannover: A. Haupt, 1888, desenho a sépia, 350 x 250 mm., (© BNP, *Secção de Iconografia*, EA 318 V.) - disponível online em: <http://purl.pt/22149/1/index.html#/31/htm>

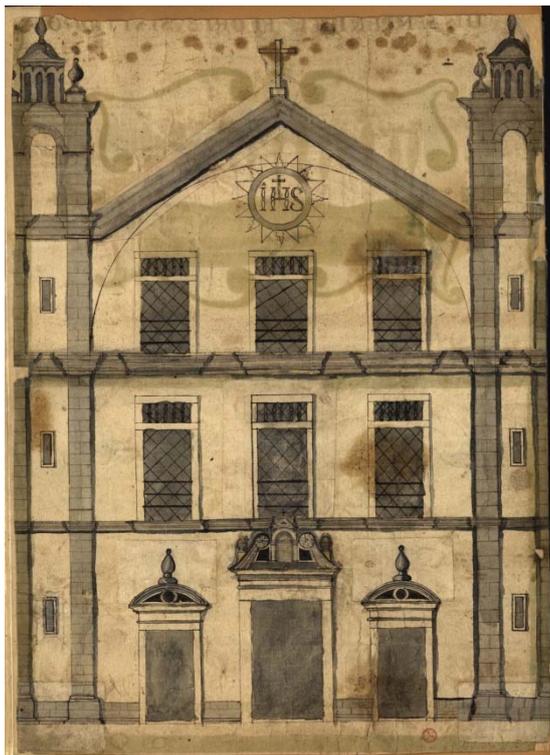


Fig. 7 - Anónimo. *Fachada de igreja desconhecida*, séc. XVII/XVIII, desenho a tinta-da-china e aguadas, 400 x 350 mm. (© BNP, *Secção de iconografia*, D. 174 V.) - disponível online em <http://purl.pt/25385>



Figs. 8 e 9 - Fachada da antiga igreja do colégio de São Sebastião de Portalegre e fachada da igreja do Salvador do antigo colégio de Santiago de Elvas. © Maria João Pereira Coutinho

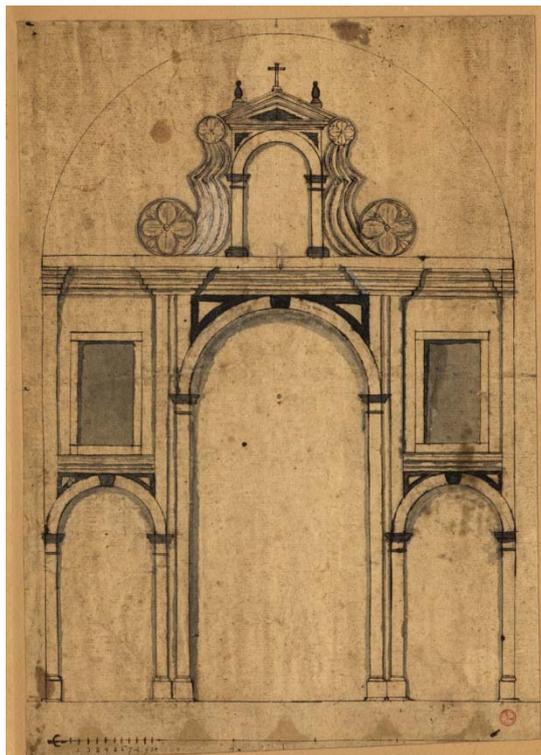


Fig. 10 - Anónimo. Projecto para capela-mor, desenho a tinta-da-china e aguadas, 400 x 350 mm. (© BNP, *Secção de iconografia*, D. 173 V.) - disponível online em <http://purl.pt/25385>



Fig. 11 - Capela-mor da igreja do antigo colégio do Faial. © João Vieira Caldas

## Referências Bibliográficas

### Fontes Cartográficas e Iconográficas

#### Academia Nacional de Belas-Artes (ANBA)

Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 17, Des. N.º 539: TINOCO. *Planta para a igreja de Santa Engrácia*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis

Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 17, Des. N.º 540: TINOCO. *Planta para a igreja de Santa Engrácia*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis

Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 18, Des. N.º 558: Anónimo. *Planta da desaparecida igreja dos Mártires*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis

Cx. 85 A. Gav. 2, Pasta 20, Des. N.º 574: Anónimo, *Planta da primitiva igreja de Santa Justa*, séc. XVII, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis

Cx. 88 A, Gav. 2, Pasta 15, Des. N.º 532: CARVALHO, José Monteiro de. *Planta do colégio de Santo Antão-o-Novo de Lisboa*, c. 1769, desenho a tinta-da-china, dimensões não disponíveis

#### Arquivo Municipal de Lisboa (AML)

PT/AMLSB/CMSLB/UROB-PU/05/03/055: PINTO, Júlio António Vieira da Silva. *Planta topográfica de Lisboa*. 11 G, 1910-06, desenho a tinta-da-china com cor, 930 x 640 mm. Disponível online em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=242764&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

PT/AMLSB/CMSLB/UROB-PU/05/01/38: FOLQUE, Filipe. *Carta n.º 36 do Atlas da Carta Topográfica de Lisboa*, 1858, desenho com aguada de cor, 920 x 625 mm. Disponível online em <http://arquivomunicipal2.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=79398&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

#### Biblioteca Nacional de Portugal (BNP)

*Secção de Iconografia*, D. 12 R.: MENEZES, Guilherme Joaquim Paes de. *Planta do Convento da Divina Providência em Lisboa*, 1748, desenho a tinta-da-china e aguadas a cor, 804 x 507 mm. Disponível online em <http://purl.pt/20695>

*Secção de Iconografia*, D. 29 R.: SOUSA, Caetano Tomás. *Projecto do Hospital de São José*, entre 1755 e 1800, desenho com aguada de cor, 1200 x 700 mm. Disponível online em <http://purl.pt/17003>

*Secção de Iconografia*, D. 119 A.: COUTO, Mateus do, sobrinho. *Planta e Corte para a igreja do Colégio da Companhia de Jesus em Portalegre*, 1678, desenhos a tinta-da-china e aguadas, tinta sépia e aguadas, 300 x 450 mm. Disponível online em <http://purl.pt/25376>

*Secção de Iconografia*, D. 120 A.: atrib. a COUTO, Mateus do, sobrinho. *Desenho para um alçado do pátio do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 340 x 475 mm. Disponível online em <http://purl.pt/20906>

*Secção de Iconografia*, D. 121 A.: ROÍZ, Pascoal. *Fachada da igreja do convento da Divina Providência em Lisboa*, c. 1695, desenho a tinta-da-china e bistre, 367 x 512 mm. Disponível online em <http://purl.pt/25936>

*Secção de Iconografia*, D. 122 A: ROÍZ, Pascoal. *Corte da igreja do Convento da Divina Providência em Lisboa*, c. 1710, desenho a bistre e toques de vermelho nos marmoreados, 323 x 406 mm. Disponível online em <http://purl.pt/25937>

*Secção de Iconografia*, D. 129 A.: SOUSA, Manuel Caetano de. *Desenho para a fachada da igreja de Santo Antão*. entre 1750 e 1800, desenho a lápis e tinta-da-china, 482 x 328 mm. Disponível online em <http://purl.pt/21490>

*Secção de Iconografia*, D. 153: FAVA, Duarte José. *Planta topográfica de Lisboa*, entre c. 1808 - c. 1832, desenho a lápis, tinta-da-china e tinta azul, 1350 x 2500 mm. Disponível online em <http://purl.pt/24997>

*Secção de Iconografia*, D. 168 V.: atrib. a COUTO, Mateus do, sobrinho. *Desenho para o alçado da fachada sul do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 268 x 430 mm. Disponível online em <http://purl.pt/21831>

*Secção de Iconografia*, D. 169 V.: atrib. a COUTO, Mateus do, sobrinho. *Desenho para o alçado da fachada poente do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 340 x 475 mm. - Disponível online em <http://purl.pt/22441>

*Secção de Iconografia*, D. 170 V.: atrib. a COUTO, Mateus do, sobrinho. *Desenho para um alçado do pátio do colégio da Companhia de Jesus de Portalegre*, c. 1678, desenho a tinta-da-china e aguada, 268 x 428 mm. - Disponível online em <http://purl.pt/22444>

*Secção de Iconografia*, D. 173 V. e D. 174 V.: Anónimo. *Fachada e portal de igreja*, desenho a tinta-da-china e aguadas, [17--], 400 x 350 mm. Disponível online em <http://purl.pt/25385>

*Secção de Iconografia*, EA 318 V.: HAUPT, Albrecht. *Auswahl von Illustrationen zur Geschichte der Renaissance in Portugal*. Hannover: A. Haupt, 1888. 1852-1932, desenho a sépia, 350 x 250 mm. Disponível online em <http://purl.pt/22149>

## Fontes Manuscritas

### Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)

*Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 15 (antigo n.º 7 A), Cx. 82, L.º 444, fls. 78-79 v.º

*Cartório Notarial de Lisboa*, N.º 15 (antigo n.º 7 A), Cx. 91, L.º 506, fls. 53-54 v.º

## Fontes Impressas e Estudos

BIRG, Manuela. *João Antunes Arquitecto, 1643-1712*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 1988

BRANCO, Ricardo Lucas. A igreja do colégio de Santo Antão-o-Novo: estudo de um paradigma desaparecido. *Revista de História da Arte*, 9, 2012, p. 16-37

CARITA, Rui. O Colégio Jesuíta de São Francisco Xavier no Faial. *Actas do Colóquio "O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX"*. Horta: Núcleo Cultural da Horta, 1998

CARVALHO, Ayres de. *Catálogo da Coleção de Desenhos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1977

COELHO, Teresa Maria da Trindade Campos. *Os Nunes Tinoco, uma dinastia de arquitectos régios dos séculos XVII e XVIII*. Tese de Doutoramento em História da Arte, Especialidade História da Arte Moderna em Portugal, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014

CONDE, Antónia Fialho, HENRIQUES, Maria Virgínia, GUIOMAR, Nuno Gracinhas, A costa algarvia três séculos depois - O olhar entre a Geografia e a História. *IV Simpósio Luso-Brasileiro de Cartografia Histórica*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011

- COUTINHO, Maria João Fontes Pereira. *A Produção Portuguesa de Obras de Embutidos de Pedraria Policroma (1670-1720)*. Tese de Doutoramento em História, Especialidade em Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010
- COUTINHO, Maria João Pereira. O Desenho na Arte da Pedraria em Portugal (Séculos XVII-XVIII). In: CAVI, Sabina de (a cura di), *Dibujo y Ornamento, Trazas y Dibujos de Artes Decorativas entre Portugal, España, Italia, Malta y Grecia, Estudios en honor de Fuensanta García de la Torre*. Córdoba, Roma: Diputación de Córdoba, De Luca Editori D'Arte, 2015, p. 37-45
- CUSTÓDIO, Jorge, SERRÃO, Vítor. Igreja do Seminário de Santarém. In: CUSTÓDIO, Jorge (coord. de). *Santarém Cidade do Mundo*, Vol. III. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 1996, p. 79-86
- CRAVEIRO, Maria de Lurdes, TRIGUEIROS, António Júlio, S.J.. *A Sé Nova de Coimbra*. Coimbra: Direcção Regional de Cultura do Centro, 2011
- FIGUEIREDO, Ana. *O Colégio Jesuíta de Vila Nova de Portimão, Comunidade e Património (1659-1759)*. Lisboa: Edições Colibri, 2010
- FRANCO (S.J.). António. *Imagem da Virtude em o noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espírito Santo de Evora do Reyno de Portugal*. Lisboa: Officina Real Deslandiana, 1714, p. 824-832
- GARCIA, José Manuel. A Representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade. *Revista de História da Arte*, N.º 11, 2014, p. 35-49
- GARCIA, José Manuel. A dinâmica da ocupação do espaço em Lisboa pela Companhia de Jesus. *Debates*, N.º 6, Junho de 2014, p. 125-138 (disponível online em [http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto\\_debates\\_vi.pdf](http://www.ces.uc.pt/publicacoes/cescontexto/ficheiros/cescontexto_debates_vi.pdf))
- GOMES, Paulo Varela. Obra Crespa e Relevante. Os Interiores das Igrejas Lisboetas na Segunda Metade do Século XVII. In: Luís de Moura SOBRAL (dir. de). *Bento Coelho (1620-1708) e a Cultura do Seu Tempo*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, p. 107-125
- LEAL, Augusto Barbosa de Pinho. *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora Matos Moreira, 1873-1890
- LEONE, José Teófilo Farto. *Subsídios para a História dos Hospitais Civis de Lisboa e da Medicina Portuguesa (1948-1990)*. Lisboa: Comissão Organizadora do V Centenário da Fundação do Hospital Real de Todos-os-Santos, 1993
- LIMA, Durval Pires de. *História dos mosteiros, conventos e casas religiosas de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal, 1950-1972
- LOBO, Rui. O colégio jesuíta de Santiago, em Elvas. *Monumentos*, n.º 28, 2008, p. 120-127
- LOBO, Rui. *Os colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. Evolução e transformação no espaço urbano*. Coimbra: Edarq, 1999
- LOBO, Rui. A arquitectura das primeiras igrejas jesuítas em Portugal: São Roque de Lisboa e Espírito Santo de Évora. Confessionários, púlpitos e tribunas. In: ZAMORA, Maria Isabel, FERNÁNDEZ, Álvaro Javier Ibáñez (org.), *La Compañía de Jesús y las Artes. Nuevas perspectivas de investigación*. Saragoça: Universidad de Zaragoza, 2014, p. 233-257
- MARAT-MENDES, Teresa, D'ALMEIDA, Patrícia Bento, MOURÃO, Joana, A legenda do levantamento da Planta de Lisboa do Engenheiro Silva Pinto. In: SANTOS, Aurora, ALBERTO, Edite, COUTINHO, Maria João Pereira (coord. de). *Arquivo Municipal de Lisboa. Um Acervo para a História*. Lisboa: Arquivo Municipal de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa, 2015, p. 275-287
- MARTINS, Fausto Sanches. *A Arquitectura dos Primeiros Colégios Jesuítas de Portugal: 1542 – 1759. Cronologia, Artistas, Espaços*, Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1994
- MARTINS, Fausto Sanches. *Jesuítas de Portugal: 1542-1759, Arte, Culto, Vida Quotidiana*. Porto: Edição do Autor, 2014

- MARQUES, Cátia Teles e. O Inventário de Bens de D. Filipa de Sá, condessa de Linhares (c. 1543-1618). *IV Congresso de História da Arte Portuguesa, Homenagem a José-Augusto França*. Lisboa: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte, 2012, p. 70-76
- PFEIFFER, Heinrich, S.J.. L'Iconographie. In: SALE, Giovanni (dir. de). *L'Art des Jésuites*. Paris: Mengès, 2003, p. 169-205
- PIRRI, Pietro. *Giuseppe Valeriano S.I., Architetto e Pittore, 1542-1596*. s.l.: Raineri C. Comlombo, 1970
- RIBEIRO, Vítor Maximiano. *A Fundadora da Igreja do Colégio de Santo Antão (da Companhia de Jesus) e a sua Sepultura*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1911
- SALE, Giovanni, S. J.. Le Projet du «Gesù» de Rome. Brève histoire d'une collaboration difficile entre un maître d'ouvrage et le destinataire d'une oeuvre. In: SALE, Giovanni (dir. de). *L'Art des Jésuites*. Paris: Mengès, 2003, p. 49-64
- SANTANA, Francisco (ed. de). *Lisboa na 2.<sup>a</sup> metade do Séc. XVIII (Plantas e Descrições das Suas Freguesias)*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, s.d.
- SOUSA, Nestor de. Arquitectura das Igrejas Jesuítas Açoreanas. *Actas do IV Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Salvador: Museu de Arte Sacra, Reitoria da Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 171-189
- VALE, Teresa Leonor Magalhães do. *Importação de Escultura Italiana no Contexto das Relações entre Portugal e Itália no Século XVII*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999
- VALLERY-RADOT, Jean. *Recueil de plans d'edifices de la Compagnie de Jesus conserve a la Bibliothèque Nationale de Paris*. Roma: Institutum Historicum, S.I.. 1960
- VIEGAS, Inês Morais, TOJAL, Alexandre Arménio (coord. de). *Catálogos do Arquivo Municipal de Lisboa, Atlas da Carta Topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque: 1856-1858*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, s.d.
- VIEGAS, Inês Morais, TOJAL, Alexandre Arménio (coord. de). *Levantamento da Planta de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 2005